

DICOTOMIA INTRADISCIPLINAR E INSERÇÃO DAS “ATUALIDADES”: O ENSINO DE GEOGRAFIA A PARTIR DO CURSINHO POPULAR TRIU

Vinícius Carluccio de Andrade
viniciuscandrade4@gmail.com¹

Resumo

Este trabalho discute o ensino de Geografia a partir de uma situação particular; isto é, um contexto de cursinho popular pré-vestibular cuja maioria discente já concluiu o ensino básico. Com base em experiências e acesso ao conteúdo programático do Cursinho Popular TRIU (que segue as temáticas delimitadas pelos vestibulares das universidades estaduais paulistas), são apresentadas 1) a fragmentação intradisciplinar entre Geografia Física e Geografia Humana já consolidada entre os estudantes; e 2) a penetração das “Atualidades”, frequentes em provas para ingressos no curso superior, que fortalece uma Geografia Jornalística. Com isso, reflete-se sobre quais são os impactos à apreensão da totalidade e quais são os ataques ao estatuto epistemológico da Geografia diante da tese de que, por ser a ciência que estuda o presente, deve-se voltar ao noticiário. As indagações presentes no texto têm como essência os conteúdos destinados às frentes da Geografia (Frente Brasil e Frente Mundo).

Palavras-chave: Geografia Física e Geografia Humana, Totalidade, Atualidades.

Introdução

Este trabalho busca, a partir da experiência com a Geografia em um cursinho popular pré-vestibular, refletir como se dá a tradicional separação entre Geografia Física e Geografia Humana e como as “Atualidades” tendem a ganhar legitimidade e inserção principalmente diante das provas para ingresso em universidades (CECIM, 2021). Segundo Straforini (2018), a importância do ensino de Geografia concerne à formação, por parte do aluno, de uma leitura reflexiva e cidadã do mundo contemporâneo com base na espacialidade dos fenômenos.

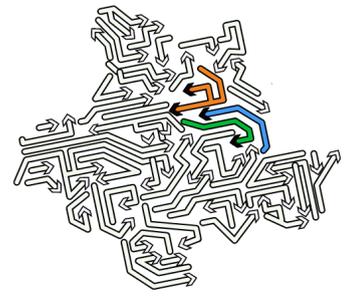
¹ Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) - SP. Professor de Geografia do Cursinho Popular TRIU em Campinas - SP.

Entretanto, o caso aqui estudado é muito particular: não se trata de um contexto formal², como o Ensino Fundamental ou o Ensino Médio. O Cursinho Popular TRIU conta com alunos que, em sua grande maioria, já saíram do ensino básico e agora, depois de certo período, almejam ingressar na universidade. Assim, a Geografia lecionada não é uma cópia do que se aprende na escola, pois o foco maior, além da compreensão das relações espaciais, é um aprofundamento nas questões mais recorrentes dos vestibulares (principalmente os das universidades públicas paulistas).

Em breve gênese e retomada histórica dos exames vestibulares para ingresso no ensino superior no Brasil, Cecim (2020a) notabiliza a palavra “seleção”. Os vestibulares têm um caráter excludente, afinal não há vagas para todos. Busca-se, pela universidade, uma espécie de perfil desejado e, por isso, “os exames vestibulares vêm sendo qualificados nos debates educacionais como um processo elitista e excludente de seleção” (CECIM, 2020a, p. 268). Tais provas se apresentam como “instrumentos de currículo capazes de definir aqueles conhecimentos qualificados como válidos e que devem, deste modo, serem ensinados em ambiente escolar” (CECIM, 2021, p. 26). Destarte, embora o cursinho popular não seja o Ensino Médio (com grande parte dos discentes já formada no ensino básico), os conteúdos de Geografia, guardadas as devidas proporções, o espelham, posto que será a exigência do vestibular. Quando problematiza a localização e a memorização, ditas tradicionais na prática mnemônica que se liga ao Ensino de Geografia - se não tiver continuidade e complexificação posterior -, Cecim (2020b, p. 334) escreve: “os vestibulares criam imaginários sobre a Geografia Escolar”. Similarmente, os vestibulares influenciam a Geografia “do cursinho”.

Mesmo assim, o pensamento espacial não é descartado. Para criticidade e autonomia do aluno, Castellar e Paula (2020) assinalam que a vida não pode ser entendida sem a Geografia e o raciocínio geográfico (que inclui cinco campos - processos cognitivos, conceitos de relações espaciais, representação espacial, categorias e princípios geográficos e situação geográfica) possibilita uma melhor análise de fatos, processos e fenômenos. Segundo os autores, o pensamento espacial deve motivar as práticas pedagógicas, sem violar o estatuto epistemológico da Geografia. Para Straforini (2018), questionamentos como “onde?”,

² Embora Cecim (2021) não tenha se debruçado especificamente em cursinhos populares, entrevistou, em sua pesquisa, um professor que também lecionou e tem contato com essa dinâmica. Além disso, a própria autora tem experiência em cursinhos populares, que não fogem do escopo de seu trabalho.



“como?” e “por quê?” fazem com que os discentes saiam da localização e da descrição e atinjam a análise.

Contudo, indaga-se como efetivar o que já foi citado em um curto tempo, visto que a Geografia, no Cursinho TRIU, é dividida entre frentes e módulos trabalhados por docentes diferentes em uma periodicidade de 14 dias. Vale ressaltar, porém, que essa divisão não é imposta. Semestralmente, os docentes se reúnem para definir ou redefinir o planejamento. Como os conteúdos cobrados pelo vestibular são extensos e uma dificuldade é abordá-lo integralmente em um período de menos de um ano, há a separação entre Frente Brasil e Frente Mundo para fins didáticos. Enquanto o primeiro se prende à escala nacional, o segundo afeta a escala global. Isso não impede que haja um contato e os professores articulem escalas - algo incentivado e realizado em sala de aula. No conteúdo programático, cristalizou-se entre os alunos a separação semestral entre Geografia Física (primeiro semestre) e Geografia Humana (segundo semestre). A pesquisa, portanto, divide-se em dois eixos principais depois dessa breve apresentação: 1) fragmentação intradisciplinar entre Geografia Física e Geografia Humana; e 2) fortalecimento de uma Geografia Jornalística (CECIM, 2021) no segundo semestre da Frente Mundo em um contexto de cursinho pré-vestibular gratuito.

Para Amorim (2012), a Geografia necessita de uma perspectiva sistêmica e holística para que a totalidade supere o paradigma fragmentário. Não basta a classificação: os elementos estão em interação e formam um complexo sistema integrado. Tal noção precisa ser trazida à sala de aula para mostrar que não existe, de fato, uma cisão entre o “físico” e o “humano”, ainda que didaticamente fique mais fácil abordá-los em módulos diferentes. A noção de totalidade consiste na tese de que o todo é encontrado nas partes e as partes constroem o todo. Segundo Santos (2020), existe uma inter-relação entre fatores, que podem ser dissecados sem fragmentar o todo, pois nada se constrói ou se altera no vácuo, sem interferências externas. Ainda com a falsa oposição Geografia Física-Geografia Humana em mente, pode-se compreender, conforme Santos (2021a), que a totalidade, sempre vista como confusa ou abstrata, ganha cada vez mais importância devido à interdependência entre as partes.



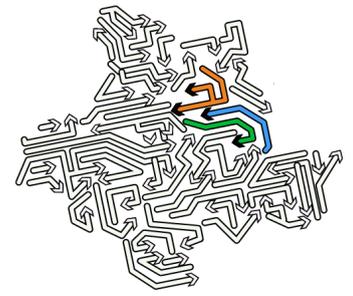
O conceito de totalidade é uma construção válida no exame da complexidade de fatores a serem examinados na análise do contexto espacial. Como a totalidade é um conceito abrangente, importa fragmentá-lo em suas partes constituintes para um exame mais restrito e concreto. (...) Só através de um ponto de vista holístico é que se pode compreender uma totalidade (SANTOS, 2020, p. 70-71).

O holístico permite divisões, mas, em conformidade com Castellar e Paula (2020), o vocabulário geográfico traz a totalidade e a integração, sem a separação entre Geografia Humana e Geografia Física. Outro ponto a se abordar é a legitimação das “Atualidades” enquanto conteúdo programático da Geografia, fenômeno minuciosamente estudado por Cecim (2021). Anualmente, os vestibulares das universidades estaduais paulistas exigem conhecimento sobre as “notícias do momento”. Isso recai, todavia, para a Geografia. É na prova de Geografia que tais temáticas são recorrentes. Conforme planejamento anual do cursinho popular, então, é o segundo semestre da Frente Mundo que deve abordá-las, posto que a Geografia se apresenta como “ciência do presente” (CECIM, 2021, p. 158; CECIM; STRAFORINI, 2022, p. 2)³. As “Atualidades” fortalecem-se como realidade distante e, por conseguinte, pertencentes somente à escala global, inseridas na frente que supera, em tese, as fronteiras nacionais. Enquanto foco de aula, as “Atualidades” correspondem a exterioridades à esfera de vivência (CECIM, 2021, p. 245), como se fossem sinônimos de discussão sobre conflitos longínquos.

Geografia Humana X Geografia Física: separação semestral e empecilhos à compreensão da totalidade

Primeiramente, uma apresentação do conteúdo programático das frentes do Cursinho Popular TRIU é imprescindível. Conforme comentado anteriormente, o primeiro semestre é associado à Geografia Física e o segundo, à Geografia Humana. Entre os conteúdos trabalhados na primeira parte do ano, estão Cartografia Geral, Geologia, Geomorfologia, Hidrografia, Climatologia e Biomas e Domínios Naturais, conteúdos tradicionalmente tratados como “físicos”. Na segunda parte do ano letivo, são discutidos aspectos econômicos,

³ Esse termo é cunhado a partir da análise de documentos oficiais que ditam o Ensino de Geografia no país. Cecim (2021, p. 14) observa a “‘presentificação’ dos seus conteúdos, ou, dito de outra forma, da identificação dos acontecimentos e/ou fatos jornalísticos tidos como atuais ao próprio conteúdo geográfico escolar”. O resultado, para Cecim e Straforini (2022, p. 7, *italico no original*), é a Geografia “como a disciplina escolar responsável pelo ensino dos eventos e acontecimentos *atuais*”.



demográficos, sociais, urbanos, agrários e geopolíticos do Brasil e do mundo, tidos como “humanos”. Percebe-se, assim, como essa divisão aparece. Para Castellar e Paula (2020), o

espaço geográfico diz respeito a fatores políticos, econômicos, culturais, sócio-históricos, psicológicos e biológicos em profusão. Os eventos não se dão isoladamente, mas em um conjunto sistêmico.

Na mesma linha, embora trate da Geografia Acadêmica⁴, Santos (2021b) defende que não haja essa separação entre físico e humano, pois o natural é cada vez mais permeado por técnicas. A presença do homem se faz sentida nesse novo sistema da natureza, no qual, à medida que a natureza se socializa, o homem se naturaliza. Com isso, segundo Santos (2021b, p. 98), “a geografia física não podia existir antes do homem. Não há geografia física que não seja uma parte da geografia humana. O que há, na verdade, é uma geografia do homem, que podemos subdividir em geografia física e humana”. Para fins didáticos e plena cobertura dos conteúdos exigidos pelos vestibulares, a divisão ocorre, mas não existem duas geografias opostas. Souza (2020), inclusive, critica essa fragmentação intradisciplinar representada pelo distanciamento entre “geógrafos humanos” e “geógrafos físicos”. Para o autor, os saberes necessitam se combinar, afinal não existe um fosso que coloque a Geografia Física e a Geografia Humana como antípodas. Na realidade, Souza (2020) argumenta que embora exista um sectarismo, elas são visceralmente complementares. Para acrescentar, Suertegaray (2018, p. 16) escreve:

Para muitos geógrafos, a dicotomia Geografia física x Geografia humana está cristalizada. Assim, ao fazer Geografia, deve-se optar por Geografia Física ou Geografia Humana. Alguns até, justificam-na, não através do sistema clássico de divisão da ciência, mas com base no materialismo histórico, esquecendo-se estes geógrafos que, neste contexto teórico filosófico, o conhecimento é totalizante. É possível conceber uma história da natureza e uma história da sociedade, porém a formação da sociedade perpassa pela socialização da natureza. Por conseguinte, é tarefa da

⁴ Cecim (2021) destaca que a Geografia Acadêmica e a Geografia Escolar diferem entre si. A Geografia Escolar não é a simples transposição da Geografia Acadêmica. Contudo, nesse caso, ambas convergem na temática sobre a subdivisão interna entre Geografia Física e Geografia Humana, indicando prejuízos ao entendimento da totalidade.

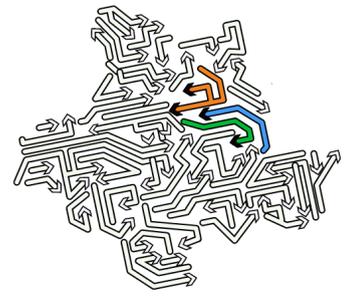


Geografia interpretar a contradição natureza x sociedade, entre outros temas, partindo da categoria da Totalidade.

Suertegaray (2018) e Amorim (2020), em textos que seriam inseridos na “caixa” da Geografia Física - por abordarem a Geomorfologia -, acentuam limites impostos pela compartimentação do conhecimento. Para Suertegaray (2018), evitar o esfacelamento do conteúdo enquanto teoria é uma tarefa; deve-se combater a fragmentação. A Geografia Física e a Geografia Humana não são catálogos independentes, pois se ligam. É aí que entra a noção de totalidade. Há um holismo que não nega unidades contraditórias. Seja abordando conteúdos do primeiro ou do segundo semestre no Cursinho Popular TRIU, o docente busca explicitar como há um todo dinâmico, ou seja, em movimento (SANTOS, 2008), que permite extrapolar visões fragmentadas e fragmentárias acerca do espaço geográfico. O conjunto integrado visa combater a individualidade da chamada Geografia Física e incluir o homem. Para essa finalidade, Suertegaray (2018) menciona temporalidades distintas: a temporalidade natural corresponderia à escala geológica; a temporalidade humana, à escala histórica ou histórico-geográfica.

Um empecilho docente é conversar com os alunos sobre como, na verdade, essa separação entre um bloco físico e um bloco humano no seio da Geografia inexistente. Outrossim, essa ideia de fragmentação interna se fortalece devido às questões dos vestibulares. Ainda que a seção de Geografia contenha um rol de temas que vão da Geomorfologia à Geografia Urbana, dificilmente há uma integração. As questões são sobre conteúdos específicos *dentro* da parte de Geografia, ou seja, dificilmente a Geomorfologia se junta à Geografia Urbana, pois haverá uma questão específica para cada área. Em um cursinho popular pré-vestibular, cuja maioria dos discentes já concluiu o Ensino Médio, torna-se desafiador interpelar o “todo indissociável” (STRAFORINI, 2018, p. 178) que evidencia as contradições. O cerne, nesse ponto, não é superar a transmissão superficial dos conteúdos geográficos, mas sim pensar nas conexões para alcançar a necessária totalidade. A dicotomização é uma barreira à integração físico-humana na Geografia Escolar. Nesse sentido, os conteúdos não podem ser abordados de forma isolada, porque, para Straforini (2018), a inter-relação é crucial. Segundo o autor (STRAFORINI, 2018, p. 186),

Se a totalidade é o conjunto de todas as coisas em sua inter-relação, temos no ensino de Geografia o primeiro grande desafio de ordem metodológica que é a impossibilidade de “tocar” ou atingir todas as coisas num mesmo instante



de análise, muito menos todas as coisas em suas inter-relações. Logo, a totalidade-mundo nada mais é do que uma abstração.

A despeito de ser uma abstração, é um norte a ser seguido. Santos (2008) escancara como a noção de totalidade é algo complexo - e se torna ainda mais complicado abordá-la sem citá-la nominalmente para justificar, em sala de aula, a não-oposição entre Geografia

Física e Geografia Humana frente a dois semestres que parecem não conversar entre si. De forma simplificada, pode-se afirmar que existe um todo, formado por unidades. No entanto, a totalidade vai além das meras partes, superando-as. Como aponta Santos (2008), a totalidade não é igual a uma soma banal. Além disso, a totalidade não está alheia ao movimento. Ela sofre metamorfoses, pois está sujeita a uma dinâmica assim como suas partes. É a totalização. Nesse quesito, abordar a totalidade não significa descartar suas partes, pois ajudam na compreensão de minúcias. Um fato não se dá aleatoriamente, respondendo a processos anteriores que perpassam escalas geográficas distintas. Ora, como se constata a partir da complexidade inerente à noção de totalidade - que deveria ser um princípio no ensino de Geografia (ainda que sem menções explícitas) -, a separação entre aspectos físicos e humanos já consolidada dificulta não apenas a absorção dos conteúdos geográficos, mas essencialmente a compreensão do que é a Geografia enquanto ciência. Trata-se de uma preocupação analisada por Cabral, Cecim e Straforini (2021), para quem a totalidade no Ensino de Geografia contribui à formação do cidadão, à transformação social e à criticidade diante das injustiças sociais⁵.

A penetração das “Atualidades” frente aos vestibulares

Somando-se à separação entre Geografia Física e Geografia Humana que dificulta a delimitação e a explicação da finalidade da Geografia enquanto ciência, um novo sub-ramo adentra nos conteúdos que perpassam o vestibular. Embora não apareça com esse nome nos programas das provas de ingresso ao curso superior, as “Atualidades” são cada vez mais

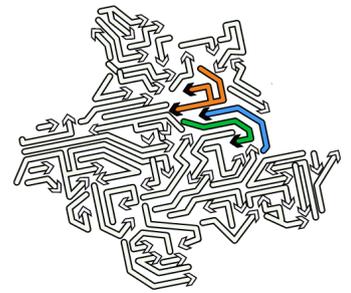
⁵ Para os autores, “a articulação entre a realidade dos alunos com a noção de totalidade é o que obstrui uma educação fragmentada e deslocada da realidade do aluno” (CABRAL; CECIM; STRAFORINI, 2021, p. 11) e “é com base na noção de totalidade que se torna possível compreender a realidade como um todo, negando a fragmentação socioespacial” (CABRAL; CECIM; STRAFORINI, 2021, p. 18).

frequentes. Straforini (2018) identifica um inconveniente: as problemáticas atuais são reduzidas e impostas ao conteúdo da Geografia. Assim sendo, dão espaço para uma Geografia Jornalística (CECIM, 2021). Em vez de aprofundamento nos conceitos próprios da Geografia, há uma concessão da hora/aula à abordagem do que está acontecendo no momento e permeia o noticiário. Cecim (2021, p. 66), por exemplo, cita uma “relação antagônica entre os significantes conceito e informação”. Se os conceitos estão na Geografia, as informações estão nas “Atualidades”, que oferecem apenas uma apreensão factual dos acontecimentos por meio de uma transmissão passiva de dados e “manchetes” da internet e dos telejornais. Segundo a autora, as “Atualidades” devem ter proximidade com os conteúdos geográficos, o que nem sempre é identificado. O que ocorre, na maioria dos casos, é a equivalência do conteúdo midiático com o conteúdo geográfico (CECIM, 2021, p. 153).

Conceitualmente, as “Atualidades” versam sobre itens atuais, ou, em outras palavras - e conforme Cecim e Straforini (2022) - o que se trata como realidade atual se transforma em atualidades. É o que há quando se aborda a “permanência em discussões nos dias de hoje” (CECIM, 2021, p. 100) por meio da atualização de fatos jornalísticos e midiáticos. Adiante, em sua tese de doutorado, Cecim (2021, p. 228) ressalta que “as atualidades, de modo geral, são compreendidas como aquilo que está acontecendo, ou aqueles acontecimentos, fatos e eventos atuais”. Para não haver confusão, pode-se mencionar que as “Atualidades” dizem respeito àquelas discussões estabelecidas no gerúndio, isto é, àquelas que estão *acontecendo* nesse exato momento. Como consequência, cabe ao professor de Geografia, responsável por esse subtópico⁶ que concorre com o currículo formal, um “imaginário de certa onisciência (...) acerca dos mais variados acontecimentos locais, nacionais e globais diariamente veiculados pelos meios de comunicação” (CECIM; STRAFORINI, 2022, p. 4).

Isso não significa que a Geografia deva se fechar ao que marca o momento presente. Santos (2021a) defende a interdisciplinaridade, mas isso não representa um ataque ao estatuto epistemológico da Geografia. As “Atualidades” trazem uma violação à totalidade, pois, essencialmente, versam sobre fatos e eventos atuais, os quais muitas vezes não estabelecem

⁶ Para Cecim (2021), como a Geografia é tida popularmente como a ciência que abarca/abrange tudo e é caracterizada pela capacidade de síntese segundo a interdisciplinaridade, as “Atualidades” são a ela atribuídas, visando não só aspectos sociais, mas também naturais. “Conforme apontado em outros momentos, *sites* voltados ao vestibular e Enem recorrentemente abordam conteúdos tidos como atualidades de maneira mais abrangente possível, onde ‘abrangente’ se aproxima de uma abordagem interdisciplinar” (CECIM, 2021, p. 211).



conexões entre si. Com isso, o estudo só do particular (algo comum para as “Atualidades”) não é ser holístico, deixando se perder a totalidade, uma construção da realidade fugaz que se encontra em movimento conforme um “processo de desmanche” (SANTOS, 2013, p. 156). A notícia que gera engajamento momentâneo não emergiu abruptamente, pois carrega um legado histórico - caracterizado por periodizações a serem desveladas - por trás. O ensino de “Atualidades”, atribuído à Geografia Escolar - e, aqui, à Geografia “do cursinho” - pela

Geografia ser lida como ciência do presente (CECIM, 2021; CECIM; STRAFORINI, 2022), desconsidera esses fatores. Normalmente, inclusive, as questões cobradas pelos vestibulares pouco tensionam o debate acerca do que aconteceu para deflagração de determinado conflito.

No Cursinho Popular TRIU, as “Atualidades” são comuns ao segundo semestre, no qual, conforme citado anteriormente, reina a “Geografia Humana”. Nesse período, embora se pretenda trabalhar com economia, sociedade e aspectos físicos e geopolíticos de diferentes localizações do globo, a restrição, pelo tempo e pela adequação ao cobrado pelos vestibulares, acaba sendo à “Geopolítica”, subjugada às “Atualidades”, articulação explicitada por Cecim (2020b, 2021)⁷ e Cecim e Straforini (2022). Geopolítica e Atualidades, na fala dos alunos baseada na identificação de padrões de provas de vestibulares, tornam-se sinônimos. No caso, Geopolítica/Atualidades é destaque da Frente Mundo. O segundo semestre da Frente Mundo divide-se em cinco módulos: 1) Europa; 2) Oriente Médio; 3) Ásia; 4) África; e 5) América. Salienta-se o fato do Oriente Médio ter um módulo próprio devido ao imprescindível aprofundamento em conflitos abordados pelos vestibulares. Entre as guerras e as tensões nessa região, estão Guerra na Síria, tensão histórica entre Israel e Palestina, Guerra no Iêmen, enfrentamentos ao sionismo e aos aliados dos Estados Unidos na região, Revolução Iraniana de 1979, etc. As manchetes do ano da prova, entretanto, moldam, de certa forma, o que será comentado e discutido com os alunos, posto que é para isso que os olhares se voltam. A mídia, por conseguinte, influencia quais conteúdos serão, indiretamente, cobrados em determinados vestibulares por mostrar ou ocultar certo desentendimento entre Estados.

⁷ “Um conteúdo frequentemente associado às atualidades e que guarda, nas provas de Geografia, um sentido marcado por debates do presente é aquele associado à geopolítica” (CECIM, 2021, p. 157).

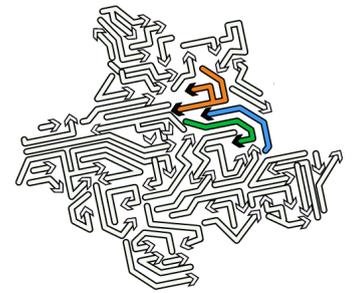
Segundo Cecim (2021, p. 123), o próprio panorama de principais acontecimentos não é neutro, visto que passa, anteriormente, por um filtro dos meios de comunicação pautado no “uso de reportagens e/ou notícias de jornais e revistas de grande circulação”.

Argumento que além de divulgar conteúdos, os meios de comunicação também são responsáveis por criar as atualidades na medida em que definem quais são os acontecimentos que são passíveis de serem informados sistematicamente. Assim, a expressão dos eventos pelas mídias é fruto de negociações políticas que (...) selecionam, qualificam e determinam quais acontecimentos estão sujeitos a compor suas pautas com maior ou menor potência (CECIM, 2021, p. 169).

Nesse sentido, Cecim (2021), em uma das entrevistas que realizou, identificou como o domínio das “Atualidades” aparenta ser uma fórmula para passar no vestibular. Criticar as “Atualidades” não é barrar a relação dos estudantes com os temas atuais (algo que, obviamente, deve ser incentivado para envolvê-los no dia a dia), mas expor como tal discurso, aparentemente neutro, “rouba” o tempo de conteúdos que tradicionalmente se inserem na compreensão da espacialidade dos fenômenos, tão prezada por Straforini (2018). É fundamental, portanto, superar a abordagem jornalística das “Atualidades” e substituí-la por uma abordagem geográfica, presente também nos vestibulares, que acabam influenciando quais conteúdos serão descartados no programa do cursinho popular que lida com discentes que almejam ingressar em uma graduação.

Ainda nessa questão, curiosamente, Cecim (2021) assinala que as “Atualidades” se associam ao significante “mundo”. No caso aqui estudado, as “Atualidades” pertencem à Frente Mundo. Entretanto, como escreve a autora, o mundo é uma abstração identificada com a Geografia. Dessa maneira, fortalece-se o discurso da “*Geografia para compreender o mundo*” (CECIM, 2021, p. 235, itálico no original). A tarefa primordial, portanto, é fazer com que as “Atualidades” não sejam algo nulo⁸, simplificações dos noticiários transpostos à sala de aula sem problematizações eminentemente geográficas, cuja primeira associação seja com a abstração “mundo”, mas, idealmente, uma via de consolidação e identificação do ensino de Geografia. As notícias da Geografia Jornalística têm um rebatimento espacial e esse é um caminho possível a ser aprofundado pela Geografia Escolar - e “do cursinho” -,

⁸ Cecim (2021, p. 37) emprega o termo “significantes vazios” para tratar de uma mera sequência de sons, sem função significativa.



especialmente, em um contexto pré-vestibular, considerando as questões recorrentes sobre aquilo que ocorreu no ano de aplicação da prova.

Considerações finais

De modo geral, foram apresentadas dificuldades ao ensino de Geografia presentes em um contexto pré-vestibular. Embora seja um recorte específico (cursinho popular com público-alvo que majoritariamente finalizou o Ensino Médio), é de grande valia para repensar problemáticas latentes ao ensino de Geografia. Vencer a dicotomização interna e apropriar-se das “Atualidades” a partir de um pensamento espacial mostra qual Geografia se almeja. Para Castellar e Paula (2020), um outro modo de se ensinar Geografia é possível, mobilizando a ação e o potencial de transformação. A criticidade (algo fundamental para que as “Atualidades”, recorrentes em vestibulares, não sejam cópias dos noticiários) proporciona que um aluno aprimore seu reconhecimento da espacialidade dos fenômenos. Segundo os autores (CASTELLAR; PAULA, 2020, p. 316),

Uma Geografia recontextualizada baseia-se no desenvolvimento de mais que pensamentos, mas raciocínios, pois este último exige o uso de uma lógica – dialética – argumentativa propositiva e inferencial, fruto das conexões realizadas pelo sujeito com o mundo circundante experienciado e percebido a partir de um vocabulário robusto, fortalecendo o conhecimento geográfico no currículo e na vida da juventude e da sociedade. Recontextualizá-la significa fortalecê-la, não a dissociar de suas linguagens e natureza epistêmica.

A finalidade, como se nota, é a emancipação. Straforini (2018), por exemplo, salienta as práticas espaciais insurgentes decorrentes da leitura crítica proporcionada pela Geografia. Novamente, ainda que o cenário de um cursinho popular pré-vestibular aparente ser extremamente específico, tem uma importância notável. Ao se analisar a fragmentação intradisciplinar entre aspectos físico-naturais e aspectos humanos, interroga-se a própria cobrança da Geografia em vestibulares. Ao não se aceitar acriticamente a imposição das “Atualidades” ao docente, questiona-se quais os reflexos espaciais que tais temáticas carregam. No fim, há uma luta pelo estatuto epistemológico da Geografia, com suas categorias e seus conceitos. Outrossim, mesmo no contexto pré-vestibular, constata-se como a preocupação não é somente com as provas. O vestibular ocorre anualmente, mas a Geografia é uma ciência que traz alternativas e caminhos que extrapolam testes e avaliações, pois se associa ao caráter crítico-reflexivo necessário.



Referências bibliográficas

AMORIM, Raul Reis. Um novo olhar na Geografia para os conceitos e aplicações de Geossistemas, Sistemas Antrópicos e Sistemas Ambientais. **Caminhos da Geografia**, Uberlândia, v. 13, n. 41, p. 80-101, mar. 2012.

CABRAL, Thiago Manhães; CECIM, Jéssica da Silva Rodrigues; STRAFORINI, Rafael. A realidade do aluno como tradição pedagógica em disputa na Geografia Escolar (1920-2020).

Revista Brasileira de História da Educação, v. 21, n. 1, p. 1-22, jun. 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4025/10.4025/rbhe.v21.2021.e184>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

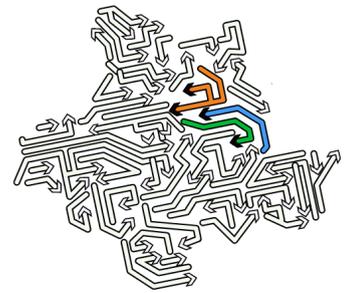
CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; PAULA, Igor Rafael de. O papel do pensamento espacial na construção do raciocínio geográfico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 10, n. 19, p. 294-322, jan./jun. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.46789/edugeo.v10i19.922>>. Acesso em: 07 jun. 2023.

CECIM, Jéssica da Silva Rodrigues. Localização como princípio geográfico e memorização como movimento cognitivo na qualidade de lugar-comum no ensino de Geografia. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 10, n. 2, p. 329-346, 2020b. Disponível em: <<https://doi.org/10.54446/bcg.v10i2.508>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

CECIM, Jéssica da Silva Rodrigues. O ENEM, o vestibular e suas articulações em torno da democratização do acesso ao ensino superior. In: STRAFORINI, Rafael; CABRAL, Thiago Manhães; CECIM, Jéssica da Silva; FREITAS, Anniele; TERAMATSU, Gustavo (org.). **Políticas Educacionais e Ensino de Geografia: sentidos de currículo, práticas e formação docente**. Jundiaí: Paco Editorial, 2020a. p. 265-290.

CECIM, Jéssica da Silva Rodrigues. **O ensino das atualidades a partir de demandas curriculares: quais sentidos de conhecimento geográfico escolar estão em disputa?**. 2021. 271f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas - SP, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1164741>>. Acesso em: 08 jun. 2023.

CECIM, Jéssica da Silva Rodrigues; STRAFORINI, Rafael. O Conhecimento Geográfico Escolar e as articulações entre a realidade do aluno e o conteúdo de atualidades. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 42, n. 2, p. 1-20, mai. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/bgg.v42.64578>>. Acesso em: 13 ago. 2023.



SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021b.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021a.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Articulando ambiente, território e lugar: a luta por justiça ambiental e suas lições para a epistemologia e a teoria geográficas. **Ambientes**, v. 2, n. 1, p. 16-64, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.48075/amb.v2i1.25277>>. Acesso em: 09 jun. 2023.

STRAFORINI, Rafael. O ensino de Geografia como prática espacial de significação. **Estudos Avançados**, v. 32, n. 93, p. 175-195, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/kRrXfwBFZLLDtKqNRmgRHpH/?lang=pt>>. Acesso em: 07 jun. 2023.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Geografia física e geomorfologia: uma releitura**. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura, 2018.